



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA DE FÁTIMA CRUZ DA SILVA

**POESIA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NA
PRÁTICA DOCENTE**

GUARABIRA – PB
2018

MARIA DE FÁTIMA CRUZ DA SILVA

**POESIA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NA
PRÁTICA DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Maria de Fátima Cruz da.
Poesia na Escola: [manuscrito] uma experiência na prática docente/ Maria de Fátima Cruz da Silva. - 2018.
55 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Profa. Ma. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira, Departamento de Educação - CH."

1. Poesia infantil. 2. Leitura e escrita. 3. Escola. I. Título
21. ed. CDD 372.4

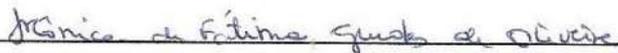
MARIA DE FÁTIMA CRUZ DA SILVA

POESIA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE

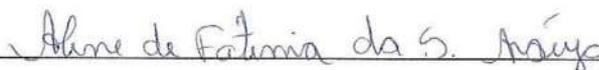
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba,
Campus III em cumprimento aos
requisitos necessários para obtenção do
grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 05 de Dezembro de 2018.

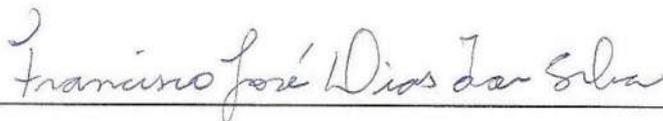
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Francisco José Dias da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha amada mãe, Maria da Guia (*in memoriam*), primeira e inesquecível professora.
das letras e da vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, maior autor do universo, por me permitir concluir mais um capítulo do livro de minha vida.

À minha família, pela força e o incentivo de sempre.

Aos professores do Curso de Pedagogia, grata pelas aulas, pelas palavras e pelo compromisso com que se doam a arte de ensinar.

Aos companheiros e amigos da turma pelos momentos que passamos juntos trocando experiências nessa busca constante de conhecimento. Aprendi muito com cada um de vocês.

A FORÇA DO PROFESSOR

*Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor
por isso eu tenho dito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Ah... se um dia os governantes
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação
ah... se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça
lhe dando o real valor
eu daria um grande grito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Porém não sinta vergonha
não se sinta derrotado
se o nosso país vai mal
você não é o culpado
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor
mesmo triste e muito aflito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos
Engenheiro do futuro
Um motorista da vida
dirigindo no escuro
Um plantador de esperança
plantando em cada criança
um adulto sonhador
e esse cordel foi escrito
por que ainda acredito
na força do professor.*

Bráulio Bessa.

RESUMO

A poesia é uma das mais antigas formas de expressão do ser humano, a partir da qual é possível expressar sentimentos, emoções e experiências, além de transmitir cultura ao longo do tempo. Com este trabalho procuramos investigar, como a poesia infantil vem sendo trabalhada no contexto escolar, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para melhor incentivo à leitura e práticas de escrita e como a ação docente motiva essas práticas. Para tanto realizamos uma pesquisa-ação de caráter qualitativo, onde relatamos nossa experiência com a poesia em sala de aula. Pesquisa desenvolvida na Associação Comunitária Nova Vida (ACNV), mais precisamente no seu núcleo Casa Novo Futuro (CNF), localizada na cidade de Sapé-PB. Nosso trabalho encontra-se fundamentado na abordagem teórico-metodológica de autores como AMORA (1999), MURRIE (2001), MOISÉS (2000), COELHO (1984), BORDINI (1986, 1989), REGO (1995), SORRENTI (2009), entre outros, possibilitando-nos articular teoria e prática. A pesquisa permitiu visualizar a importância da leitura e do ensino de poesia infantil na escola e comprovar que o trabalho com esse gênero literário desperta a imaginação e a criatividade das crianças incentivando o gosto pela leitura e contribuindo de maneira significativa para o desenvolvimento da escrita.

Palavras-chave: Poesia Infantil. Leitura e Escrita. Escola.

ABSTRACT

Poetry is one of the oldest forms of expression of the human being, from which it is possible to express feelings, emotions and experiences, as well as transmit culture over time. With this work we seek to investigate how children's poetry has been worked in the school context, specifically in the initial years of elementary school, to better encourage reading and writing practices and how the teaching action motivates these practices. For this, we perform a qualitative research-action, where we report our experience with poetry in the classroom. Research developed in the Community Association Nova Vida (ACNV), more precisely in its nucleus Casa Novo Futuro (CNF), located in the city of Sapé-PB. Our work is based on the theoretical-methodological approach of authors such as AMORA (1999), MURRIE (2001), MOISÉS (2000), COELHO (1984), BORDINI (1986, 1989), REGO (1995), SORRENTI , among others, enabling us to articulate theory and practice. The research allowed to visualize the importance of reading and teaching children's poetry in school and to prove that the work with this literary genre awakens children's imagination and creativity, stimulating the taste for reading and contributing significantly.

Keywords: Child Poetry. Reading and writing. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Capa do Livro.....	32
Figura 2 - A Capa do Projeto.....	33
Figura 3 - Oficina de Mediação de Leitura.....	34
Figura 4 - Oficina de Cinema.....	35
Figura 5 - Oficina de Rimas.....	36
Figura 6 - Oficina de Teatro de Fantoques.....	37
Figura 7 - Musical As Borboletas.....	38
Figura 8 - Desfile de Máscaras.....	38
Figura 9 - Capa do Livro Produzido Pelos Educandos.....	40
Figura 10 - Musical A Arca de Noé.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	14
2.1 Conceituando Literatura.....	14
2.2 Prosa X Poesia.....	15
2.3 A Poesia Infantil no Brasil.....	17
3 O POEMA, A POESIA E O FAZER POÉTICO.....	22
3.1 A Palavra e o Fazer Poético.....	22
3.2 O Marco Poético.....	25
4 POESIA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE.....	28
4.1 Metodologia.....	29
4.2 Campo de Pesquisa e Sujeitos da Pesquisa.....	31
4.3 Desenvolvimento da Proposta de Pesquisa.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICES.....	46

1 INTRODUÇÃO

O mundo parece ser feito apenas de coisas que a gente vê. Mas, há outras que não vemos, embora existam. São as coisas que lemos. Estas estão escondidas no meio das letras de nossos textos literários, especialmente a poesia. A mesma traduz em palavras, o olhar do poeta sobre algo ou alguma coisa, seja um objeto, uma paisagem, uma lembrança, um animal, uma pessoa, um sentimento. Esse olhar diferente que brinca com as palavras é que faz nascer o poema.

Mas, a poesia não está presente só nos textos poéticos, ela também aparece na nossa vida cotidiana desde a nossa infância com as canções de ninar, as cantigas de rodas, nas letras das músicas, na literatura de cordel e nos diversos tipos de poemas cultivados por pessoas de todas as idades. É brincando, cantando, jogando com as palavras, que, ainda crianças, nos aproximamos, espontaneamente, dos versos. Como forma de manter e intensificar, essa ligação prazerosa com a poesia, buscamos maneiras de trabalhá-la no ambiente escolar, como subsídio pedagógico para o desenvolvimento da leitura e a prática da escrita.

A escolha dessa temática não se deu aleatoriamente. Desde criança que sou apaixonada por livros e tive como principais responsáveis pelo gosto literário meus avós maternos, minha mãe e um Tio. A Vó Tininha contava várias histórias de Trancoso, da Velha Totonha, e as que ela mesma inventava. O Vó Pedro além de uma radiola e vários discos de clássicos literários, que eu ouvia atentamente sentada em seu colo, aprendendo a virar do lado A para o lado B, tinha o meu maior tesouro: um velho baú cheio de livros, gibis e folhetos de cordel que o Tio Zuza resgatava no lixo da cidade do Rio de Janeiro e sempre que vinha a Paraíba trazia em sua bagagem novos "mestres mudos" para enriquecer nosso pequeno acervo literário. A maioria sem capa, outros sujos ou faltando páginas, mas, que eu amava folheá-los.

Comecei a gostar de livros antes mesmo de saber ler. Descobri que os livros eram um tapete mágico que me levavam instantaneamente a viajar pelo mundo. Lendo, eu deixava de ser a menina simples que era e me tornava outra. Em certos momentos me pego em devaneios saudosos reverberando o passado e me vejo sentada no chão, num dos quartos da casa do Vô Pedro a folhear os livros do seu baú. Na época nem sabia quem escreveu ou ilustrou. Só sei que amava crianças...

Eu passava horas vendo as figuras e não me cansava de vê-las. Meu preferido: *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes. De tanto ouvir os poemas lidos para mim, acabei por saber boa parte deles de cor. De cor: no coração. Aquilo que o coração ama jamais é esquecido. E, quando enfim me tornei uma pequena leitora, eu o lia, melhor dizendo, declamava, para minha Tia, presa numa cadeira de rodas, e, assim, viajávamos juntas sem sair do pequeno quarto...

Na verdade, aquele objeto de Vovô era mais que um velho baú. Era uma caixa mágica transbordando ensinamentos, alegrias, novidades que se transformava num mini cenário. E assim passava boa parte do dia conhecendo histórias, fazendo e inventando a minha. Declamando poesias aprendendo a respeitar as rimas, a sonoridade e as pausas necessárias que a sua leitura exige, pois, assim, mamãe me ensinara. Hoje minha primeira professora das Letras e da vida, assim como, o Vô Pedro viraram estrelas. Este nos deixou de herança o precioso baú. De mamãe herdei os ensinamentos, as lições e o amor pela literatura e os livros. Alguns deles se deterioraram com o tempo, mas, não importa. Eles continuam abertos dentro de mim.

Hoje enquanto professora sempre busco incentivar meus pequenos aprendizes a prática de leitura, que no contexto sociocultural, é um pressuposto da interação humana. Este trabalho surgiu da necessidade de refletirmos acerca do ensino da literatura e da poesia em nossas escolas. Visto que a mesma em comparação com a prosa, ainda é um dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, pouco ou nada trabalhada por nossos professores, especialmente dos anos iniciais do Ensino Fundamental. E, tem como objetivo maior investigar como a poesia infantil vem sendo trabalhada no contexto escolar, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para melhor incentivo a leitura e práticas de escrita e como a ação docente motiva essas práticas.

Para tanto realizamos uma pesquisa-ação de caráter qualitativo, onde relatamos nossa experiência com a poesia em sala de aula. Fundamentada nos aportes teóricos de autores como Antônio Soares Amora (1999), Zuleika de Felice Murrie (2001), Massaud Moisés (2000), Nelly Novaes Coelho (1984), Maria da Glória Bordini (1986, 1989), Lúcia Lins Browne Rego (1995), Neusa Sorrenti (2009), entre outros, permitindo-nos articular teoria e prática.

Sistematicamente, organizamos o trabalho em capítulos para melhor compreensão do leitor, onde no primeiro momento procuramos entender o termo

literatura de sua raiz etimológica a alguns conceitos de autores que propõe transcender através da palavra o fenômeno poético caracterizado pela forma e expressão, a qual contribui para que a literatura permaneça novidade, assim como o termo prosa e poesia. Faremos, também, um breve relato do surgimento da poesia infantil no Brasil, para melhor entendermos a origem e as primeiras manifestações literárias desse gênero, o que não significa um estudo historiográfico.

No segundo momento, resgatamos a origem da poesia e a influência dos conteúdos e das formas clássicas sobre o fazer poético, os recursos utilizados pelo poeta, sejam sonoros, rítmicos e vocabulares e as principais formas poéticas da Língua Portuguesa, destacando a palavra como princípio da construção poética.

No terceiro momento, refletimos sobre a poesia e o contexto de institucionalização do texto, ou seja, a escola. Para tanto relatamos nossa experiência com o ensino aprendizagem de literatura infantil, precisamente de textos poéticos. Por último, legamos a articulação dos conceitos internalizados pelos teóricos abordados neste trabalho com o relato de nossa prática pedagógica através do desenvolvimento do **Projeto Despertar Para Leitura: Pequeno Escritor**, onde no período de três meses procuramos trabalhar o texto poético, especificamente o livro *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, como forma de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da criança além de aguçar a prática da leitura e da escrita de forma mais agradável e prazerosa.

2 LITERATURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A palavra literatura provém do latim *literatura (m)*, arte de escrever, que por sua vez deriva de *litera*, letra. Primitivamente o vocábulo designava o ensino do alfabeto, das primeiras letras, ou do que hoje chamamos de gramática ou filologia. Com o tempo passou a significar arte das belas letras e, por fim, arte literária. Até o século XVIII, o termo era visto como sinônimo de poesia, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX, foi que a palavra literatura passou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir textos poéticos, abrangeu todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas.

2.1 Conceituando Literatura

Mas o que é literatura? Não é de hoje que, em suas obras, muitos filósofos, críticos e historiadores procuram conceituá-la de forma convincente e conclusiva. Um dos conceitos mais conhecido e comentado é o do poeta moderno norte-americano Ezra Pound, quando afirma que “literatura é linguagem carregada de significado” (2003, p. 32). Tal expressão contribui para entendermos sua extensão de plurissignificados, tornando-se responsável pela multiplicidade de sentido que as palavras adquirem na estrutura dos textos.

Já para Amora, “a literatura seria, assim, uma forma de conhecimento, ou melhor, de compreensão aplicada ao homem, as suas relações com o universo e a sua luta pela assimilação deste universo” (1999, p.55). Dessa forma, permitindo interpretações, as quais dentro de uma perspectiva racional estabelecem coerência de sentidos. Outro conceito encontrado em Murrie, que gostaríamos de destacar é que “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler, e não pela natureza do que é lido” (2001, p.84).

O dicionário Aurélio nos traz a literatura como a “arte de compor trabalhos artísticos em prosa e verso” (2000, p.429). Como forma de realizar sua arte, o artista faz uso de certos materiais: o pintor, por exemplo, trabalha com tintas, cores e pincéis, criando quadros; o músico por sua vez, com algum instrumento e apenas sete notas musicais, constrói melodias belíssimas. E o literato que material utiliza?

Técnica, conhecimento, inspiração¹, e, em especial, as palavras transcritas desde o conhecido pergaminho até ao que hoje chamamos de espaço virtual, variando de acordo com cada época.

A arte literária e a língua têm como unidade básica de expressão a palavra, partindo dessa afirmação, a literatura torna-se instrumento de comunicação, que apesar de estar vinculado a uma língua, não significa que esteja presa a ela, ou seja, a literatura faz uso da mesma chegando a transgredir suas regras e o sentido de alguns vocábulos. Dessa forma, a literatura é uma arte, um instrumento de comunicação, pois foi, e continua sendo um conjunto das obras escritas de uma nação, ou ainda, de determinada época, notáveis pela beleza da forma e a sublimidade do pensamento.

Poderíamos ainda mencionar vários outros conceitos sobre literatura e todos eles poderiam variar em sua essência, mas, não na relação íntima que a mesma estabelece entre a língua, a linguagem e o próprio ser humano, pois, a sua leitura tem o poder de ajudar crianças, jovens e adultos a perceber e compreender a realidade de forma diferenciada, dependendo de como se lê, e da forma que internalizam a leitura.

2.2 Prosa X Poesia

Na história da literatura, o aparecimento da prosa é posterior ao da poesia. O verso era literatura subjetiva, que cantava o sentimento e transmitia comunicação. As ideias objetivas, o racional, pouco ou nada tinham a comunicar. Eis a razão da soberania do verso eminentemente subjetivo, toda sensibilidade, comunicabilidade sobre a prosa, mas, sujeito a cânones rígidos: rima, métrica, cadência etc., que permitiram classificar essa forma poética de metódica e artificial.

Ao diminuir a exatidão emotiva que encontrava no verso seu meio ideal de expressão, amainaram as resistências à prosa e aos cultores desta, passaram a ser respeitados e tornou-se também sua forma literária. Dentro do novo campo de expressão, as ideias objetivas encontraram as condições favoráveis para sua exteriorização, libertas das limitações impostas pela poesia. O interesse pelos heróis e guerreiros, cantados em verso, transferiu-se para narrativas em prosa. Tais

¹ O termo inspiração obedece ao primeiro critério da poesia, ou seja, de que o poeta produz seus poemas a partir de inspiração, principalmente na poesia clássica lírica.

narrativas eram escritas em latim, pouco ou nada acessíveis, mesmo as pessoas consideradas instruídas, era necessário vertê-las para a língua vulgar; essas traduções constituíram as primeiras manifestações da prosa literária, ganhando assim, prestígio, cristalizando-se definitivamente como forma literária.

A prosa era a linguagem natural, espontânea, objetiva, racional. A mesma relação estabelecida entre o aparecimento da poesia e da prosa no plano histórico é aplicável às primeiras manifestações literárias do indivíduo. Estas se realizaram sob a forma de verso, o que é facilmente compreensível, tendo em vista o fato de predominar, nos primeiros anos de nossa existência, o emotivo sobre o racional, como estabelecemos anteriormente.

A literatura tem duas formas de manifestação: a poesia e a prosa, a primeira era vista nos primórdios da antiguidade como a expressão do pensamento em forma artificial, utilizando os recursos da disposição em versos, com limitados números de sílabas, ritmos, rimas e palavras, os artistas transmitiam um sentimento ou ideia grandiosa. A segunda era a maneira natural e comum, que os escritores utilizaram para transmitir suas ideias e sentimentos. Hoje atinge sua perfeição nos romances, novelas, contos, crônicas etc., tornando-se precioso recurso nas relações humanas.

Estabelecermos limites entre a poesia e a prosa atualmente, tornou-se algo cada vez mais impreciso, e cada vez menos nítido. Com efeito, ao invés de limites há uma relação entre essas suas formas literárias, uma vez que, na prosa contemporânea encontramos com frequência características que por muito tempo foram atribuídas exclusivamente à poesia. Atualmente existem e são aceitas, a poesia prosaica e a prosa poética. Ainda assim tentemos particularizá-las tradicionalmente.

A palavra prosa provém da expressão latina, oratório *prorsa*, que significa linguagem direta e livre. Na prosa predomina o uso denotativo das palavras e ela tem o parágrafo como unidade de composição. Fundamentalmente, difere-se da poesia por não explorar com tanta minúcia o significante, ou seja, as relações sonoras e a diagramação. Caracteriza-se pelo gênero narrativo e apoia sua construção nos seguintes elementos: personagens, ação, tempo e espaço. Com base nesses elementos surgiram as diferentes modalidades literárias em prosa: conto, romance, novela, crônica etc.

É necessário salientarmos que existem também – e em maior quantidade – a prosa não literária. A prosa utilitária de todos os manuais técnicos e científicos; a

prosa de linguagem jornalística, centrada na função referencial; a prosa de ensaios e teses acadêmicas.

Etimologicamente a palavra poesia provém do grego, *poiesis*, de *poiein*, ação de fazer, criar alguma coisa, no sentido de imaginar. Podemos caracterizar a poesia como um gênero de texto que tem como unidade de composição o verso, este teve em sua origem uma função mnemônica, uma vez que, as poesias não eram escritas, a rima e o estribilho facilitavam a memorização dos poemas. Hoje, a poesia nem sempre é versificada, mas constrói-se através de uma linguagem conotativa e sugestiva, sobre o reforço de alguns recursos sonoros: rimas, ritmos, aliteraões, assonâncias etc.

Modernamente as diferenças entre prosa e poesia vêm se esmaecendo. Os versos tornaram-se livres, brancos e as relações sonoras enfraqueceram. A prosa incorporou as características básicas da poesia – condensação, e o trabalho com o significante.

2.3 A Poesia Infantil no Brasil

A poesia infantil enquanto gênero literário dirigido às crianças surge no Brasil apenas no final do século XIX. Anteriormente, o que existia eram poemas manuscritos, de circulação familiar, feitos dos pais para os filhos com um caráter essencialmente moral e tendo como característica um adultocentrismo na voz poética. O que podemos constatar no soneto *Amada Filha, é já chegado o dia*, de Alvarenga Peixoto (1960, p.14):

AMADA FILHA, É JÁ CHEGADO O DIA

Amada filha, é já chegado o dia,
em que a luz da razão, qual tocha acesa
vem conduzir a simples natureza,
é hoje que o teu mundo principia.

A mão que te gerou teus passos guia,
despreza ofertas de uma vã beleza,
e sacrifica as honras e a riqueza
às santas leis do filho de Maria.

Estampa na tua alma a caridade,
que amar a Deus, amar aos semelhantes,
são eternos preceitos da verdade.

Tudo o mais são idéias delirantes;

procura ser feliz na eternidade,
que o mundo são brevíssimos instantes.

Nele, o poeta aconselha sua filha, Maria Efigênia, a desprezar a beleza, as honras e a riqueza, cultivando a caridade, o amor a Deus e aos semelhantes. Assim como o poema *Conselhos a meus Filhos* de sua esposa, Bárbara Heliodora, que, como o título sugere, é uma coleção de conselhos. Dentre eles, ela adverte que “a lição não faz saber, quem faz saber é o pensar” e recomenda o estudo das fábulas de Esopo, conforme os fragmentos abaixo:

Meninos, eu vou ditar
As regras do bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sábios é o pensar.
(...)
Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo
Prontos em passar o copo
nas angolinhas do azar:
Tais as fábulas de Esopo,
Que vós deveis estudar. (HELIODORA, 1969, p.07).

Tanto Alvarenga Peixoto como Bárbara Heliodora trazem em seus poemas características predominante nas poesias infantis brasileiras até a primeira metade do século XX, onde temos a voz poética de um adulto dirigida a um leitor infantil, sempre com o objetivo de valor moral. Como, podemos observar nos fragmentos do poema *Ave Maria*, de Olavo Bilac (1929, p. 35):

Meu filho, termina o dia
a primeira estrela brilha
Procura a tua cartilha
E reza a Ave Maria!
(...)
- Hoje pratiquei o bem;
Não tive um dia vazio,
Trabalhei, não fui vadio
E não fiz mal a ninguém.

De maneira imperativa, a voz do eu lírico ressoa como a de um pai ou de uma mãe preocupada em dar algumas ordens à criança, tratada de meu filho. A primeira ordem: “procura a tua cartilha”, pode estar diretamente ligada à vida escolar, ao cumprimento das obrigações cotidianas da escola, e a segunda: “E reza a Ave

Maria”, remete a uma tarefa religiosa, prática cristã de rezar às seis horas da tarde, exatamente a hora em que a primeira estrela brilha. Em seguida, a criança, responde em tom de subordinação. Na sua resposta, o trabalho aparece como um marco fundamental, ressaltando que o dia não foi vazio, foi cheio e, portanto, não houve vadiagem nem ociosidade.

Parece ser esse o modelo de trabalho que a escola, durante aquele tempo e, para nós, durante mais tempo ainda, utilizou para ensinar poesia para as crianças e jovens, modelo em que a categoria dos enunciados imperativos é constituída pela ação do locutor sobre o ouvinte, no sentido de dar-lhe uma ordem a ser cumprida. (BENVENISTE, 1976).

Em se tratando de poesia infantil no Brasil, possivelmente o primeiro livro de que se tem notícia seja *Flores do campo: poesias infantis*, de José Fialho Dutra, publicado em Porto Alegre, em 1882. No entanto, ele só pode ser assim considerado em função do seu subtítulo, pois, os poemas não apresentavam características formais ou temáticas que indicassem preocupação com o leitor infantil. (DUTRA, 1982).

No século XIX, poetas como Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu incluíram em seus livros dirigidos ao público adulto alguns poemas dedicados às crianças. No entanto, os poemas intencionalmente não configuravam o gênero poesia infantil, apenas no final do século começam a surgir antologias para serem utilizadas no ambiente escolar. Pode-se dizer, assim, que, no Brasil, o gênero poesia infantil surge em consonância com a escola, as temáticas abordadas eram ditadas pelo governo visando principalmente a aprendizagem da língua portuguesa e sensibilizar as crianças quanto ao trabalho e valores burgueses para serem incorporados como instrumento de ensinamento educacional, a serviço da ideologia dominante da época.

Nesse contexto, não são apenas os escritores que almejam ampliar seu público, escrevendo para crianças, mas os professores, também começam a organizar e escrever antologias de textos em prosa e verso para serem utilizados como material didático no ambiente escolar. Em função desse vínculo com a escola, a poesia infantil passa a seguir um paradigma moral e cívico, formando pequenos leitores e aconselhando-os ao bom comportamento e ao civismo.

A poesia infantil brasileira manteve-se dependente da escola durante quase um século. Somente no ano de 1943, é que surge um livro não comprometido com a

circulação escolar: *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa (1991). Este livro abriu caminho para uma poesia infantil “livre” de compromissos pedagógicos.

O paradigma estético é consolidado por dois dos principais poetas modernistas brasileiros: Cecília Meireles (1901-1964) e Vinícius de Moraes (1913-1980). Cecília Meireles é reconhecida como uma das principais vozes feminina da literatura brasileira da época. Ela traz para a poesia infantil a musicalidade, explorando versos regulares, a métrica, o verso livre, a aliteração, a assonância e a rima.

O diplomata, dramaturgo, crítico de cinema e poeta Vinícius de Moraes por sua vez, tem seus poemas infantis circulando em antologias desde 1960, mas só em 1970 eles são reunidos no livro *A arca de Noé* (2002). Acreditamos que o mais conhecido livro de poesia infantil, no Brasil, na segunda metade deste século. Seus poemas encantam e emocionam pela sonoridade com que joga com as palavras aproveitando dos recursos típicos próprios da poesia popular como a quadra, a redondilha e a rima, além da temática animal, uma das preferidas das crianças. A leitura de seus poemas figura entre o público infantil, não apenas como fonte de aprendizado, mas, sobretudo de prazer estético, o que é marca singular da poesia infantil contemporânea, como ressalta Regina Zilberman:

a valorização do lado lúdico da linguagem propiciou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 80. Introduzindo, nos versos e nas estrofes, a perspectiva da diversão, do jogo e da brincadeira, o gênero poético pôde se livrar dos problemas que experimentou principalmente na primeira metade do século XX (2005, p. 129).

A ruptura com a poética tradicional renovou os textos poéticos voltados para a criança, fazendo com que a produção para esse público adquirisse *status* de arte. Contemporaneamente as manifestações da poética infantil valorizam o lúdico, a brincadeira, a diversão, optando por uma intenção pedagógica menos conservadora e moralista na forma e no conteúdo. O que não significa que ela iria perder seu caráter didático. Como bem enfatiza Nelly Novaes Coelho:

se partirmos do princípio de que hoje a educação da criança visa basicamente levá-la a descobrir a realidade que a circunda; a ver realmente as coisas e os seres com que ela convive; a ter consciência de si mesma e do meio em que está situada (social e geograficamente); a enriquecer-lhe a intuição daquilo que está para além das aparências e ensiná-la a se comunicar eficazmente com os outros, a linguagem poética destaca-se como um dos mais adequados instrumentos didáticos (1984, p. 158).

Quando falamos em poesia infantil na escola devemos pensar que evidentemente as escolhas que fazemos é que vão determinar se ela pode ou não adquirir caráter didático. Observa-se que os aspectos lúdicos e estilísticos da poesia infantil, como sonoridades, cantorias, versificação, rimas, assonâncias e aliterações são categorias importantes para se trabalhar a poesia em sala de aula, entretanto, entendemos que a linguagem poética e as intencionalidades textuais devam, também, ser levadas em consideração, ainda que para a criança em pleno desenvolvimento da leitura e da escrita.

3 O POEMA, A POESIA E O FAZER POÉTICO

3.1 A Palavra e o Fazer Poético

Metaforicamente falando, as palavras não circulam entre nós como folhas que caem dos galhos das árvores ao despontar do outono, ou ainda, como o vento, elemento da natureza que passeia entre nós de forma abstrata, podemos até senti-lo, mas, não desfrutamos de sua beleza. Elas são organizadas em textos, dentro dos quais adquirem significados, transmitindo sentimentos, ideias, emoções e pensamentos. Muitas delas se combinam de tal forma que evidenciam terem sido elaboradas com a finalidade de compor imagens, sugerir formas, cores, odores, sons, quando lemos, ouvimos ou vemos um poema. De acordo com Massaud Moisés:

Originário da mesma raiz de “poesia” (fazer) –, o vocábulo “poema” tem sido empregado histórica e universalmente para designar o texto em que o fenômeno poético se realiza. De forma que, por tradição, um vocábulo lembra o outro: sempre que falamos em poesia, pensamos em poema, e sempre que nos referimos ao poema, subentendemos a poesia (2000, p.129)

Provenientes do grego, como nos diz o referido autor, os termos poema e poesia possuem o mesmo significado, e, por estarem na mesma raiz semântica tornam-se palavras sinônimas. São empregadas por críticos literários como tendo o mesmo sentido. No entanto, se tomarmos a definição de ambos os termos ao pé da letra, teremos o “poema” como um gênero textual/literário que se constrói não apenas com ideias e sentimentos, mas também por meio do emprego do verso e de seus recursos musicais – a sonoridade, o ritmo das palavras e a função poética da linguagem gerando “a poesia”.

Sobre a distinção dos termos, Amora evidencia que:

É necessário não confundir poesia com poema: poesia é o “estado emotivo” ou “lírico” do poeta, no momento da criação do poema; o “estado lírico” reviverá na alma do leitor de este lograr, transformar o poema em poesia. Poema é a fixação material do “estado lírico”, são as palavras, os versos e as estrofes, que se dizem e que se escrevem (1999, p.74).

Tradicionalmente a conexão entre poema e poesia se dá pelo fato de que todo poema encerra poesia e esta encontra sua essência, seu núcleo de existência no mesmo. Na verdade essa relação é aceitável apenas como tendência histórica,

pois, modernamente existem poemas sem poesia (poemas prosaicos) e a mesma pode surgir no âmbito de um romance, de uma novela ou de um conto (prosa poética).

Mas, na acepção que nos interessa, o que é poesia? O conceito da mesma varia de acordo com a época, movimentos literários, e, também, entre escritores. Segundo Barbosa (2000, p. 19) “a poesia é um olhar sobre as coisas, o mundo, as sensações, a vida. Um olhar miraculoso; um olhar ‘inaugural’, um olhar enamorado...” Nesse sentido, o autor nos faz pensar na poesia de maneira sonhadora, como algo que está no interior do ser humano despertando-lhe a imaginação para entender o mundo e ver as coisas através de vários olhares.

Para Murilo Mendes (1972, p. 165) “A poesia é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito”. A colocação nos remete a refletir como a poesia torna-se essencial à vida do ser humano, fazendo-o embarcar em diversas aventuras, com a leitura, o espírito imaginativo e interpretativo. Como nos afirma Vinícius de Moraes:

Não têm sido poucas as tentativas de definir o que é poesia. Desde Platão e Aristóteles até os semânticos e concretistas modernos, insistem filósofos, críticos e mesmo os próprios poetas em dar uma definição da arte de se exprimir em versos, velha com a humanidade (1980, p. 79).

Podemos inferir, que não é de hoje que críticos, filósofos e poetas tentam conceituar a poesia em suas obras. Porém, pouco influencia, contudo definirmos o que ela seja, o que importa, é que a mesma encontre o seu núcleo no poema feito e trabalhado precisamente para consegui-la.

Inspirados na natureza, numa paisagem, num céu estrelado, na força de uma tempestade, nossos antepassados compuseram poemas marcantes, trazendo para a literatura sentimentos, sonhos, reflexões. Ora aplaudindo, ora criticando pessoas e acontecimentos que marcaram época. Muitas vezes os poetas proclamam a superioridade do que inventam sobre o que viveram, ou seja, o que fica marcado torna-se fruto da imaginação não daquilo que presenciaram realmente.

O poeta é então um fingidor, como sugere Fernando Pessoa em alguns versos de seu poema *Autopsicografia*, em que registra:

[...]
O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente
 Que chega a fingir que é dor
 A dor que deveras sente. (1985, p. 165)

E como inventor e fingidor das coisas, fabrica não apenas a própria dor, mas, um território mágico feito de palavras e emoções transcritas e transmitidas através da qualidade de seus versos e da perfeição de suas obras. Sobre o fazer poético, vejamos o que diz Décio Pignatari:

O grande pintor impressionista Degas vivia querendo fazer um poema – sem conseguir. Um dia, chegou-se para um amigo Mallarmé e disse: Stéphane, ideias maravilhosas não faltam – mas eu não consigo fazer um poema. Respondeu o Mestre: Meu caro Edgar, poemas não se fazem com ideias – mas com palavras (1977, p.03).

Ao refletimos sobre o relato acima, verificamos que só inspiração e ideias não bastam para o artista compor sua obra, ou texto poético é necessário que ele saiba articular as ideias por meio das palavras. Ainda sobre a construção poética, lega-nos Mário Quintana:

O apanhador de poemas

Um poema sempre me pareceu algo assim como um pássaro engaiolado... E que, para apanhá-lo vivo, era preciso um cuidado infinito. Um poema não se pega a tiro. Nem a laço. Nem a grito. Não, o grito é o que mais o espanta. Um poema é preciso esperá-lo com paciência e silenciosamente como um gato. É preciso que lhe armemos ciladas: com rimas, que são o seu alpiste; há poemas que só ficam presos atrás das catorze grades de um soneto. É preciso esperá-lo com assonâncias e aliteraões para que ele comece a dançar. E há os poemas livres imprevisíveis. Para esses é preciso inventar, na hora, armadilhas imprevistas (1987, p. 102-103).

O poema em prosa do autor citado nos sugere por meio de comparações a prática de fazer versos a prática de apanhar pássaros. Temos o vocábulo poema = pássaro, poeta = apanhador, recursos sonoros = armadilhas, as rimas = alpiste. Metaforicamente falando, é pertinente salientarmos que como certos pássaros não se deixam apanhar por um simples alpiste, há os poemas livres – os mais imprevisíveis. Contudo, tanto uns como os outros necessitam de prática, racionalidade e paciência por parte do poeta para serem bem construídos. E como cada pássaro capturado, uma vez escrito, o poema torna-se a mais sublime expressão poética do artista.

3.2 O Marco Poético

Para melhor compreendermos o poema e sua estrutura é necessário que conheçamos as normas clássicas da arte poética. Sabemos que atualmente existem tanto a poesia prosaica, desprovida das características clássicas, quanto a prosa poética, impregnada de poesia. Precisamos conhecer as técnicas adotadas pelos clássicos para compreender a evolução da moderna poesia, sobretudo, a revolução operada nesta arte desde a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, no Teatro Municipal em São Paulo.

Quando no primeiro capítulo, tentamos estabelecer as diferenças entre a poesia e a prosa, constatamos que na poesia, as palavras valem mais pelo que são do que pelo que significam. Assim, ganha relevo o lado sonoro das palavras, organizadas no texto poético com ritmo e melodia.

As linhas que formam as estrofes dos poemas recebem o nome de versos, palavra de origem latina *vertere*, que significa voltar, retornar. Podemos entender, então, que o final de cada conjunto de sons e pausa que um verso possui indica o início do verso seguinte. Esse movimento origina uma cadência silábica, facilmente percebida quando vários versos obedecem a um mesmo número de sílabas poéticas. A contagem do número de sílabas de um verso e a identificação dos mais fortes dá-se o nome de escansão.

A tradição poética em Língua Portuguesa criou nomes especiais para os versos de medida fixa, ou versos regulares. Quanto ao número de sílabas são denominados de monossílabo, dissílabo, trissílabo, tetrassílabo, pentassílabo ou redondilha menor, hexassílabo ou heroico quebrado, heptassílabo ou redondilha maior, octossílabo, eneassílabo, decassílabo, hendecassílabo ou arte maior, dodecassílabo ou alexandrino e os bárbaros com treze ou mais sílabas poéticas.

O agrupamento dos versos formam estrofes, variando de dois até o máximo normal de dez, que encerram uma unidade de pensamento e ritmo. A estrofe corresponde no poema, ainda que grosseiramente, ao parágrafo na prosa. Na definição de estrofe, dissemos até um máximo normal de dez versos, não que seja impossível constituírem-se estrofes com mais de dez versos. Apenas, verificamos que a medida que aumenta a extensão da estrofe, mais complexa ela se tornará, em termos de conteúdo e ritmo, aumentando, na mesma proporção a dificuldade de se distinguirem as variações rítmicas processadas na passagem de uma para outra.

A teoria poética tradicional nomeou as estrofes de dois a dez versos, denominadas respectivamente de dístico ou parelha, terceto, quadra ou quarteto, quinteto ou quintilha, sexteto ou sextilha, sétima, setena, setilha ou hepteto, oitava, nona ou novena e décima.

Não existirá, então, estrofe de um único verso? A resposta é afirmativa. E alguns autores a denominam de monóstico. São aceitos por certos críticos literários como monóstico um verso graficamente destacado do corpo da estrofe, como podemos observar no final do poema *O peixe-espada*, de Vinícius de Moraes (2002, p. 41):

O PEIXE-ESPADA

Quando um peixe-espada
Vê outro peixe-espada
Pensam que eles brigam?
Qual brigam qual nada!

Poderão no máximo
Brincar de duelo
Mas brigar só brigam
Com o peixe-martelo.

Ou com o tubarão.

No entanto um exemplo mais específico de monóstico pode ser observado no menor poema da Língua Portuguesa, do modernista Oswald de Andrade (1991, p. 05):

AMOR
Humor.

Além do título, o poema tem apenas uma palavra formada por duas sílabas, ou seja, um único verso, portanto uma única estrofe.

No relacionamento sonoro de um verso com os demais, surge outro elemento rítmico, a rima, presente tanto no final como no interior de cada verso. Além de marcado efeito musical, ela exerce grande influência sobre os ritmos lógico e melódico, uma vez que atrai a atenção para pausas do interior e final dos versos.

Foneticamente a rima pode ser soante ou imperfeita (vela – estrela), ocorre quando há semelhança das vogais e diferença dos timbres. Consoante ou perfeita (vela – bela), quando há identidade absoluta de som.

Conforme a posição do acento tônico, a rima será aguda (mês – fez), grave (morre – corre) e esdrúxula (ávido – impávido), quando ocorrem respectivamente entre palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Segundo seu valor, pode ser rica, pobre e preciosa. As ricas possuem categorias gramaticais diferentes (arde – tarde); as pobres semelhantes (flor – amor) e as preciosas conseguidas com três classes de palavras diferentes (presente – contente – sente).

Quanto á disposição no poema, a rima pode ser emparelhada (AABB), interpolada ou posta (ABBA), cruzada (ABAB) ou alternada (ABCABC); encadeada, ocorre entre uma palavra no final de um verso e outra no interior do verso seguinte; iterada, a que se faz no mesmo verso e a misturada disposta sem critério fixo.

Os elementos gráficos e sonoros abordados produziram e produzem efeitos belíssimos em nossos poemas. Atualmente nem sempre os encontramos em conjunto, mas, continuam marcando presença nas obras de nossos escritores.

Fundamentados pelas questões teóricas da literatura, especificamente sobre a poesia, o que não significa um estudo historiográfico, procuramos estabelecer princípios norteadores do tema, para que no capítulo seguinte façamos a devida articulação com a prática em sala de aula.

4 POESIA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE

Muito se fala do poder da literatura e de como a escola é um lugar privilegiado para estimular o gosto pela leitura. Infelizmente, porém, as salas de aula brasileiras estão longe de serem “bibliotecas de leitores”. Salvo exceções, o contato do alunado com os livros costuma seguir um roteiro no mínimo enfadonho, alguns títulos quase sempre clássicos literários são indicados e viram conteúdo avaliativo (perguntas de interpretação de texto com uma única resposta correta). A experiência que deveria ser desafiadora vira uma tarefa burocrática e sem graça.

Embora conscientes do valor da literatura, muitos professores não trabalham com a poesia na sala de aula, talvez porque não gostam desse gênero literário, ou pela dificuldade de desenvolverem atividades ao gosto do público infantil. Tais suposições podem ser decorrentes, da ligação que a poesia em seus primórdios manteve com a pedagogia ou, ainda, do desconhecimento das especificidades do texto poético, de seu caráter lúdico, polissêmico e de como deve ser introduzido e explorado no ambiente escolar, que tem priorizado outros tipos de textos para a leitura.

É nos anos iniciais do Ensino Fundamental que o aluno começa a desenvolver sua autonomia como leitor. Quando lemos um livro de poesias, elas nos emocionam e nos fazem refletir, buscar interpretações possíveis e tirar conclusões. E se alguém chamar nossa atenção para a estrutura do poema e nos fizer pensar por que o autor usa cada palavra, cada figura de linguagem, certamente nossa visão sobre a obra vai mudar e vamos entender melhor aquele conjunto de versos. Conforme Maria da Glória Bordini afirma:

[...] na poesia, o aprendizado possível se produz pela própria estrutura do poema, que seduz e estimula o leitor fisicamente pelos ritmos e efeitos acústicos e intelectual e afetivamente pelas representações ou vivências que suscita (1989. p. 63).

É isso que acontece quando aliamos o ensino da poesia às práticas de leitura. Privar o aluno de ter contato com essa linguagem lúdica e sonora significa reduzir as possibilidades de criação e crescimento da criança, uma vez que é um tipo de texto imprescindível para sua formação.

O professor, ao trabalhar a poesia na escola precisa ter o cuidado de selecionar aquelas que saibam valorizar a linguagem, em que a relação entre as palavras, a sonoridade, as imagens, o humor, a forma dos versos sejam organizados de modo especial. Assim como a música, produzida a partir das rimas e do ritmo, a poesia, precisa dar prazer. Os poemas infantis devem permitir que as crianças brinquem com sua sonoridade, aliterações, repetições de fonemas, rimas, mesmo sem ter domínio do seu significado. (AVERBUCK, 1993)

Nos últimos tempos, têm surgido excelentes poetas que souberam penetrar no mundo imaginativo da criança, através do trabalho empreendido na exploração dos sentimentos, das sensações, da palavra e de seus sentidos. O contato com a literatura infantil, particularmente, com a poesia, que trabalha no limite da palavra, explorando ao máximo o que a linguagem pode oferecer contribui para o desenvolvimento da escrita, como evidencia Lúcia Lins Browne Rego:

a literatura infantil tem, assim, potencialmente duas credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança, de forma muito eficaz, ao mundo da escrita. Em primeiro lugar, porque se prende geralmente a conteúdos que são do interesse das crianças. Em segundo, porque através desses conteúdos ela poderá despertar a atenção da criança para as características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma linguística e a representação gráfica. (1985, p. 52)

Contudo, o papel do professor é indispensável nesse processo formador, uma vez que o poder encantador e transformador das palavras não são o suficiente para garantir uma experiência real e significativa com esse gênero singular. De acordo com Neusa Sorrenti:

Não basta selecionar bons textos e “despejá-los” sobre as crianças e deixar tudo por conta da magia das palavras. O professor e/ou mediador torna-se o dinamizador imprescindível para a criança da atmosfera de uma legítima oficina poética. E essa oficina, evidentemente, só se pode realizar em um ambiente de liberdade e criatividade, para que a criança possa se expressar sem bloqueios. (2009, p. 20).

4.1 Metodologia

Levando em consideração a natureza e os objetivos de nosso trabalho, direcionamos nossa abordagem na linha de uma pesquisa qualitativa, que segundo

Silvio Oliveira “pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de determinado fato, objetos, grupos de pessoas, ou ator social e fenômenos da realidade” (2010, p. 60)

A pesquisa qualitativa visa o meio pelo qual os sujeitos ou algo está sendo estudado sem se importar com resultados quantitativos, preocupa-se com a realidade observada, pois todos os detalhes e dados são considerados importantes podendo ser captados em gestos, falas, atividades, etc. Desse modo: “Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo”. (LUDKE; ANDRÉ. 1986, p. 18).

Metodologicamente o nosso trabalho teve como procedimento a pesquisa-ação, a partir de uma intervenção situada no campo da investigação. Nesse contexto João José Saraiva da Fonseca evidencia que:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. (...) O processo de pesquisa-ação envolve o planejamento, o diagnóstico, a ação, a observação e reflexão num ciclo permanente. (...) O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. (2002, p. 34-35)

Subsidiada pelo pensamento do autor, podemos inferir a importância da ação participativa direta do professor, agente pesquisador, em meio ao campo de pesquisa, ou seja, a Escola, e os alunos que são os protagonistas da situação a ser pesquisada, observando pequenos detalhes da ação conjunta que com conhecimentos e reflexão carregam em si grandes significados.

Para promover reflexões que demonstrem a relevância de nossa investigação utilizamos, também, um estudo bibliográfico orientado na perspectiva de enfatizar algumas contribuições teóricas de autores que tecem suas considerações acerca da literatura, da poesia, e do fazer poético em sala de aula para a formação de alunos leitores procurando não esmaecer a face das abordagens sobre as quais nos debruçamos. Com destaque para os aportes teóricos de: Antônio Soares Amora (1999), Zuleika de Felice Murrie (2001), Massaud Moisés (2000), Nelly Novaes

Coelho (1984), Maria da Glória Bordini (1986, 1989), Lúcia Lins Browne Rego (1995), Neusa Sorrenti (2009), entre outros.

4.2 Campo de Pesquisa e Sujeitos da Pesquisa

O público alvo do projeto são alunos de 06 a 08 anos regularmente matriculados na Associação Comunitária Nova Vida (ACNV), especificamente no seu núcleo Casa Novo Futuro (CNF), localizada na zona urbana do município de Sapé – PB, que são atendidos no contra turno escolar e frequentam as turmas A, no turno da manhã e D, no turno da tarde. A primeira é composta por 20 crianças e a segunda por 30, totalizando o número de 50 crianças. Das quais, 46 participaram de todo o projeto. No corrente ano estamos desenvolvendo nossas aulas numa sala multisseriada com alunos do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.

As crianças apresentavam baixo nível de leitura e conseqüentemente de escrita, das 46 apenas 11 tinham domínio dessas competências, os demais além de muita dificuldade tinham receio em participar das atividades, tratando com rejeição todas as propostas com relação a prática de leitura e escrita, fossem elas das mais simples até as mais complexas. Os discentes se recusavam a expor sua oralidade, a colocar no papel seus entendimentos, mesmo quando estes eram solicitados em desenhos ou pequenas palavras, eles não interagiam no sentido de aprender e/ou compartilhar conhecimento.

O desafio era grande, não só em estimular a leitura e o prazer por ela, como também de buscar desses alunos outros talentos buscando novas estratégias pedagógicas, pois tudo que era proposto eles encaravam como obstáculo impossível de ser transposto ou superado. Os alunos estavam acomodados a nunca fazer, porque diziam não saber.

4.3 Desenvolvimento da Proposta de Pesquisa

Para elaboração de nosso projeto, bem como de todas as oficinas desenvolvidas, selecionamos o livro *A Arca de Noé*², de Vinícius de Moraes. Trata-se

² Vol. 1 da Coleção Literatura em Minha Casa. São livros tanto em prosa como em versos de diferentes autores consagrados da Língua Portuguesa que vêm sendo distribuído em nossas escolas

de uma coletânea formada por 32 poemas. Desses, 24 tem animais como personagens, 01 faz referência a fenômeno natural, 04 personificam objetos e 03 são dedicados a pessoas. O predomínio de poemas sobre animais nos remete ao leitor infantil, pela identificação deste com algumas espécies domésticas ou selvagens que compõem a nossa fauna.

Figura 1 – A Capa do Livro



Fonte: Arquivo Pessoal

O poema que abre o livro é *A arca de Noé*, baseado na passagem bíblica em que os animais são salvos pelo patriarca com o intuito de repovoar a terra após o grande dilúvio. A partir da história de Noé, que também nomeia a obra, os animais vão sendo individualizados em poemas curtos, com suas características e peculiaridades.

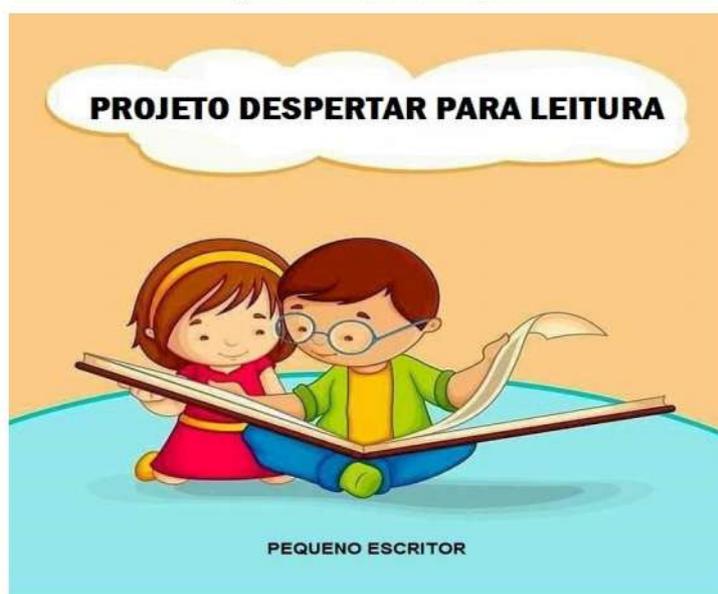
O projeto foi desenvolvido no período de 03 meses com atividades realizadas semanalmente todas as segundas feiras, envolvendo apresentação do projeto, rodas de leituras (individuais e coletivas), leitura e releitura em voz alta dos poemas, discussão dos mesmos, confecção de cartazes, máscaras de animais e outros materiais. Para realização das oficinas selecionamos 20 poemas da referida obra: 19 com temática animal (*A Arca de Noé*, *A Cachorrinha*, *A Corujinha*, *A Foca*, *A Formiga*, *A Galinha-D'Angola*, *As Abelhas*, *As Borboletas*, *O Elefantinho*, *O Gato*, *O*

desde o ano 2000, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) em parceria com Governo Federal como incentivo à leitura.

Leão, O Marimbondo, O Mosquito, O Pato, O Peixe-Espada, O Peru, O Pinguim, O Porquinho, Os Bichinhos e o Homem).e o famoso poema *A Casa*.

A avaliação foi realizada de maneira contínua durante todas as etapas do projeto e aconteceu por meio do registro de observação. A análise dos registros possibilitou a reflexão das práticas e dos resultados obtidos.

Figura 2 – Capa do Projeto



Fonte: Arquivo Pessoal

Para tanto elaboramos e colocamos em prática o **Projeto Despertar Para Leitura: Pequeno Escritor**, com atividades planejadas e executadas de acordo com a realidade do alunado e suas necessidades, afim de, desenvolver as habilidades orais, verbais, expressivas, artísticas, a capacidade de escutar, ampliar o repertório discursivo, afetividade e interação, além da nossa intenção maior que era formar alunos leitores incentivando o gosto pela leitura de textos poéticos, e contribuir para prática da escrita.

Para a efetivação do trabalho com a poesia em sala de aula, traçamos algumas **Estratégias Pedagógicas**: oficinas de mediação leituras, de cinema, de rimas, de arte, de dança, teatro e música, de produções textuais, e, culminância do projeto, objetivando o desenvolvimento da leitura e da escrita através de aulas dinâmicas e atrativas, como estímulo para maior participação do público alvo no processo de ensino aprendizagem.

As **Oficinas de Mediação de Leitura**, em sua maioria, foram realizadas na própria sala de aula, no entanto, observando a necessidade de sair da rotina, em que, os alunos se restringem as quatro paredes do referido espaço, uma vez no mês realizávamos as rodas de leituras no pátio da escola. Levando em consideração a organização tanto de um espaço como do outro, tínhamos o cuidado de preparar o ambiente par torná-lo mais aconchegante, os alunos eram convidados a sentar em círculo no chão, em tapetes, tatames, poofs e almofadas.

Figura 3 – Oficina de Mediação de Leitura



Fonte: Arquivo Pessoal

Na nossa primeira oficina fizemos a apresentação do projeto e a distribuição de exemplares do livro *A Arca de Noé*, nem todos os educandos tiveram acesso ao mesmo, pois, a escola só dispunha de 10 unidades, o que não dificultou o desenvolvimento da atividade. Pela manhã como atendemos um número menor fez-se duplas, e pela tarde trabalhamos em trio.

Iniciamos a mediação de leitura com a declamação do poema *A Casa*, após sua leitura, abrimos uma roda de diálogo sobre a temática do poema e suas possíveis interpretações. Primeiramente, chamamos a atenção para o início do poema que nos remete aos contos de fadas do *Era uma vez para o Era uma casa*. Já aguçando o imaginário dos alunos. Levantamos algumas hipóteses: Como era a casa? Se a mesma era igual ou diferente da que morávamos, por quê? Se ela

existia ou não? Por que a casa do poema é considerada engraçada? O que sentiram com a leitura do poema? A contribuição do alunado com diferentes respostas foi muito significativa.

Como todos os poemas do referido livro foram musicados, além de uma leitura coletiva, mostramos também, que o poema poderia ser apreciado em forma de música, todos foram convidados a cantá-lo, o momento foi muito agradável, despertando a sensibilidade e emoção das crianças além de ser divertido.

Nas oficinas que realizamos, todos os alunos tinham a oportunidade de ler para o grupo, os que apresentavam dificuldades de leitura, não necessariamente liam um poema completo, e/ou uma estrofe inteira, incentivávamos a leitura ao menos de um verso. A escolha destes alunos acontecia de maneira democrática, eles que diziam quem seria o próximo a ler para a turma.

Como incentivo a leitura de poesia e o prazer pela mesma foram realizadas três **Oficinas de Cinema** com a exibição dos Curtas: *A Arca de Noé*, *O Porquinho*, *O Menino Leão e a Menina Coruja*.

Figura 4 – Oficina de Cinema



Fonte: Arquivo Pessoal

Também foram trabalhados os seguintes poemas: *A Arca de Noé*, *O Porquinho*, *O Leão e A Corujinha*, após exibição dos vídeos e leitura dos referidos poemas, os alunos eram divididos em equipes e designados a atividades de (danças e/ou teatro). Com a nossa supervisão eles se reuniam e produziam suas tarefas que

em seguida iriam ser apresentadas para toda a turma, algumas vezes eram convidados alunos de outras turmas para assistir as apresentações.

Dando continuidade as atividades de nosso projeto e visando melhor entendimento do público infantil com a sonoridade e o ritmo dos poemas realizamos, também, **Oficinas de rimas**. Foneticamente, como enfatizamos no capítulo anterior as rimas podem ser soante ou imperfeita (bela – estrela), quando há semelhança das vogais e diferença dos timbres e consoante ou perfeita (bela – dela), quando há identidade absoluta de som. Após uma breve explicação do que são as rimas, distribuímos entre os educandos cópias dos poemas: *O Marimbondo*, *O Mosquito*, *A Formiga* e *As Abelhas*, as crianças foram convidadas a participar da leitura coletiva dos poemas citados e identificar em seus versos, pares de rimas.

Como forma de desenvolver a leitura de poesia através da ludicidade e diante das dificuldades apresentadas por alguns alunos, com o entendimento das rimas, tornou-se oportuno unir o lúdico e a aprendizagem com **Oficinas de Jogos educativos**. A escola possui jogos de português entre eles quatro dominós das rimas. Quando apresentamos a atividade os alunos sentiram-se motivados e estimulados a participar, até mesmo os que em determinados momentos se recusavam em realizar as atividades propostas começaram a manifestar-se através do lúdico. Ainda sobre o entendimento de rimas, as crianças foram incentivadas a produção de pequenas frases utilizando uma palavra que rimasse com o seu primeiro nome.

Figura 5 – Oficina de Rimas



Fonte: Arquivo Pessoal

Em um trabalho que visa desenvolver a leitura e o prazer em produzir, tornou-se oportuno dinamizar as aulas e trazer esses alunos para a participação, além disso, alunos que antes eram tímidos e não interagiam passaram a trabalhar em equipe e a manifestar seus saberes através da brincadeira.

Ao longo do desenvolvimento do projeto os alunos puderam aperfeiçoar suas habilidades artísticas através das **Oficinas de Leitura e Arte**, para tanto utilizamos material reciclável para confecção de máscaras de animais e de duas arcas. As produções confeccionadas nas oficinas foram expostas na culminância do projeto, serviram como ornamentação para a escola e adereços para as apresentações. Os alunos pintaram personagens, máscaras, elementos que correspondiam a temática principal trazida no livro que estava sendo estudado por eles. Com destaque para os poemas: *A Galinha-D'angola*, *O Peixe-Espada*, *O Peru* e *O Pinguim*.

Nas oficinas de mediação de leituras os alunos trabalhavam tanto individual como coletivamente e as atividades eram designadas a partir de situações geradoras como o cinema, jogos educativos, arte, desenho, pintura e como não poderia ser diferente com as **Oficinas de Dança, Teatro e Música**. No que se refere ao teatro destacamos o Teatro de Fantoques. Nessas oficinas poemas como: *A Foca*, *O Gato*, *As Borboletas*, *O Pato*, foram declamados ao todo ou em partes utilizando a técnica de manuseio de fantoches.

Figura 6 – Oficina de Teatro de Fantoques



Fonte: Arquivo Pessoal

Tal incentivo pelas apresentações encontra-se pautado, sobretudo, na necessidade do desenvolvimento oral que em consonância com a leitura

proporciona para os alunos a oportunidade de ir além, de colocar sua imaginação em cena e transpor os muros das letras. Os alunos que não se sentiam a vontade no manuseio do fantoche, foram aproveitados em outras atividades como o musical *As Borboletas*, ou o *Desfile de Máscaras*.

Figura 7 – Musical As Borboletas



Fonte: Arquivo Pessoal

A literatura tem o poder de tirar o leitor do sofá, da cadeira, da cama, das quatro paredes da sala de aula e transportá-lo, para outros universos imaginários sem que seja preciso sair do lugar onde se encontra.

Figura 8 – Desfile de Máscaras



Fonte: Arquivo Pessoal

Como já enfatizamos, além de despertar o gosto pela leitura de poesia, desenvolvendo e/ou aperfeiçoando a prática da mesma em sala de aula, também objetivávamos a prática da escrita, especificamente de textos poéticos. Durante os treze encontros realizados a leitura em sala de aula tornou-se uma rotina frequente, todas as segundas feiras os alunos eram acolhidos com rodas de conversa com discussões sobre poesia e o fazer poético.

Com relação às **Oficinas de Produção Textual** propusemos a construção de um livro coletivo. Para tanto solicitamos que cada criança escolhesse um animal e produzisse um monóstico, dístico ou parêntese, sobre o animal escolhido. Procuramos contemplar todos os alunos que mesmo no início apresentando muita resistência e pouco interesse em interagir com a turma, demonstraram a curiosidade e a vontade de participar, de fazer poesia, versinhos, rimas.

De início realizaram as produções não verbais através de desenhos ilustrativos e pintura de cada animal escolhido. Depois as crianças que não sabiam escrever passaram a colocar no papel as primeiras escritas e produzir pequenas rimas. Para os alunos que já tinham habilidades na leitura foi desenvolvido e estimulado a escrita ainda mais. Paralelamente as produções textuais continuávamos com as mediações de leitura, os últimos poemas a serem trabalhados foram: *Os Bichinhos e o Homem*, *A Cachorrinha*, e *O Elefantinho*. Ao término das atividades conseguimos produzir um livro ilustrado e versificado pelos pequenos aprendizes e agora leitores e escritores de poesias, construído de maneira dinâmica e divertida.

Para a Culminância de todo o trabalho realizado durante o trimestre, a instituição preparou uma **Feira de Leitura**, cuja temática foi **Chá com Poesia**, onde aconteceu exposição dos trabalhos realizados, tanto o nosso como das demais educadoras. O evento ficou marcado pelo desenvolvimento dos alunos, aqueles que não se manifestavam, surpreenderam, foram apresentadas dramatizações, desfiles de personagens, declamação de poemas e o lançamento do livro produzido pelos discentes, intitulado de *A Arca da Novo Futuro*, sugerido e escolhido pelos próprios educandos por meio de votação.

A produção coletiva é composta de pequenos versos e ilustrações feitos pelos alunos de maneira simples, mas com grande significado, visto a evolução desses alunos e a transformação que a literatura e o trabalho com a poesia como incentivo a prática de leitura e escrita proporcionaram.

Figura 9 – Capa do Livro Produzido Pelos Educandos



Fonte: Arquivo Pessoal

O livro produzido foi autografado pelos educandos, e, em seguida tivemos a declamação dos versos produzidos pelos mesmos, e a apresentação do musical A Arca de Noé. É importante destacar a participação dos pais e de outras escolas que foram convidadas e estiveram presente prestigiando o evento.

Figura 10 – Musical A Arca de Noé



Fonte: Arquivo Pessoal

A proposta de trazer para a sala de aula a literatura por meio da poesia foi desafiadora, porém, muito significativa para o crescimento formativo dos alunos. Em

meio as dificuldades, buscamos possibilidades de atrair esses alunos que antes não participavam, não interagiam nem se sentiam dentro do processo educativo, e transformá-los de atores coadjuvantes a protagonistas do cenário escolar. O resultado foi muito significativo. Dos, 46 alunos que participaram do projeto, apenas 04 não conseguiram desenvolver a leitura e conseqüentemente a escrita, nosso objetivo maior. No entanto, se destacaram em outras atividades, especialmente com a dança, teatro e a música. O que não deixa de ser um grande progresso, uma vez que os mesmos faziam parte daqueles que no primeiro momento, não interagiam com a turma e nem se sentiam motivados a participar das atividades propostas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nossos alunos, ler está longe de ser uma tarefa fácil. Dá muito mais trabalho do que ver televisão, jogar vídeo game, ouvir música ou pensar na vida, mas talvez seja uma das coisas mais importante que a escola tem a ensinar, já que é função da escola institucionalizar as práticas de leitura.

O despertar para leitura pode até surgir automaticamente na sala de aula por parte dos alunos, quando o mesmo não acontece é necessário um mediador. Para tanto “o professor deve ser antes de tudo um leitor” (BARBOSA, 2000, p. 28). A leitura tem papel fundamental para o desenvolvimento intelectual e social da criança. Trabalhar com o gênero poesia em sala de aula é um grande desafio para os professores. Diante disso, fizemos deste relato de experiência, aqui apresentado, um meio de expor a elaboração, a execução, a metodologia e os resultados de uma experiência realizada com sucesso.

Nosso objetivo não foi transformar nossos alunos em grandes leitores de poemas, mas contribuir em sua formação leitora, tornando-os aptos a interpretar e compreender o que os poetas transmitem em meio aos versos. As aulas foram dinâmicas e participativas. Os alunos antes receosos e tímidos, depois terminaram contribuindo de maneira impressionante com as atividades propostas. Conseguimos transportá-los “do mundo da leitura para a leitura do mundo” (LAJOLO, 2004, p. 07), subsidiados pelo pensamento de Marisa Lajolo, da leitura de um poema para uma aula de leitura.

No mais, podemos dizer que oferecer e realizar um ensino de poesia na escola com crianças pautado na interação com diferentes áreas do saber é uma forma de incentivar e desenvolver hábitos de leitura e práticas de escrita de maneira prazerosa e dinâmica, pois, a literatura por meio da poesia infantil tem uma linguagem cheia de encantamento, onde nossos poetas e poetizas brincam com as palavras, ritmos, som, e estrutura de seus poemas num jogo de construção, desconstrução e reconstrução necessário à criação de suas obras. Descobrir a essência de cada mensagem contida nos diferentes poemas e trabalhar a poesia é presentear o público infantil com um universo mágico de significados que só a linguagem poética é capaz de permitir.

Através dessas explicitações acreditamos ter contribuído para a comunidade acadêmica, principalmente no que se refere à prática docente de poesia infantil na

escola, de modo que venha provocar em professores o gosto em trabalhar com esse gênero literário conhecendo os princípios elementares de sua criação e construindo em cada leitor uma identidade poética, imaginativa e perspicaz.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald. **Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade**. São Paulo: Globo, 1991.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução a Teoria da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- AVERBUCK, Ligia Morrone. **A poesia e a escola**. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola*. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BARBOSA Filho, Hildeberto. **Literatura: as fontes do prazer**. João Pessoa: Ideia, 2000.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística textual**. SP. Nacional, 1976.
- BILAC, Olavo. **Poesias Infantis**. RJ: Francisco Alves. 1929.
- BORDINI, Maria da Gloria. **Poesia Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____, Maria da Glória. **Poesia e consciência linguística na infância**. In: SMOLKA, A. L. B. et all. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989..
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron, 1984.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- HELIODORA, Bárbara. **Conselhos a meus filhos**. Suplemento Literário de Minas Gerais. Belo Horizonte, v.4, n.143, maio, 1969.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2004.
- LISBOA, HENRIQUETA. **O menino poeta**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- LUDKE, Menga. André, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, 1986.
- MENDES, Murilo. **Poemas modernos do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- MOISÉIS, Massaud. **A criação literária: poesia**. 14^a ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- MORAES, Vinícius de. **A Arca de Noé: Poemas infantis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2. ed., 2002.
- MORAES, Vinícius de. **Literatura comentada**. São Paulo: Abril, 1980.

MURRIE, Zuleika de Felice. **O ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2001.

PEIXOTO, Alvarenga. **Amada filha, é já chegado o dia**. In: LAPA, M. Rodrigues. Vida e obra de Alvarenga Peixoto. Rio de Janeiro: INL,1960.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1985.

PIGNATÁRI, Dércio. **Comunicação poética**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1977.

POUND, Ezra. **Abc da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1989.

QUINTANA, Mário. **Da preguiça como método de trabalho**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil: Uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo: FTD, 1995.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

APÊNDICES

